

A morte nas narrativas da guerra do Paraguai (1864-1870)

Autor:

Marcelo Santos Rodrigues

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP, Professor de História do Brasil Império da Universidade Federal do Tocantins - UFT

Resumo

O presente artigo trata do sentido e das implicações da morte na Guerra do Paraguai e como ela afetou soldados anônimos que lutaram na guerra. Este estudo utiliza memórias registradas por militares, engenheiros, médicos-cirurgiões, que participaram da guerra, para pensar a temática da morte no conflito. Os mortos aqui tratados são anônimos sepultados em solo paraguaio e invisíveis à historiografia oficial. A morte na guerra está em toda parte e nesse estudo seguimos a expedição do exército brasileiro que partiu do Rio de Janeiro para o Paraguai e as consequências sofridas pela tropa durante essa jornada, principalmente com relação a morte e o sepultamento nos campos de batalhas.

Palavras-chave: Soldados anônimos. História. América Latina.

DOI: 10.58203/Licuri.20343

Como citar este capítulo:

RODRIGUES, Marcelo Santos. A morte nas narrativas da guerra do Paraguai (1864-1870). In: OLIVEIRA, Hilderline Câmara (Org.). **Estudos em Ciências Humanas e da Saúde**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 32-42.

ISBN: 978-65-85562-03-4

INTRODUÇÃO

A terrível guerra do Paraguai foi marcada pelo derramamento de sangue e pela aflição dos que participaram efetivamente do conflito. Os soldados e a população civil, sobretudo paraguaia, tiveram os seus sofrimentos aumentados pela dureza com que se tratou os seus mortos. Nos anos 1970 e 1980, o interesse pela morte era perceptível entre os historiadores franceses¹. Este artigo estuda tais questões a partir de uma documentação inédita

A Guerra do Paraguai, também chamada da Guerra da Tríplice Aliança, foi um conflito armado ocorrido entre 1864 e 1870. Muitos historiadores afirmam tratar-se da maior guerra ocorrida na América do Sul. Nela, tomaram parte o Paraguai contra uma Tríplice Aliança formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai. A sua causa principal deveu-se a complexa disputas políticas e diplomáticas, no século XIX, na região do Rio do Prata. Ela foi iniciada pelo presidente paraguaio Francisco Solano López, que pretendia expandir o território paraguaio e aumentar sua influência política na região. Essa guerra caracteriza-se por batalhas sangrentas, com mortes e destruição em ambos os lados.

Na época, a guerra foi impactante para os países envolvidos, deixando marcas profundas nas relações entre eles. Como resultado, o Paraguai foi devastado, sua economia destruída, enquanto o Brasil e a Argentina se firmaram como as principais nações do sul do continente, embora sofressem serias consequências. A tragédia deixou um legado de ressentimento e animosidade entre os países por décadas e é um símbolo da rivalidade e instabilidade política da região no século XIX.

Essa guerra externa requereu do Brasil muitos soldados para enfrentar as tropas militares de Solano López. O texto mostra como a morte esteve presente durante todo o tempo, e as testemunhas são médicos, engenheiros, militares e religiosos que, em seus diários de campanha, relataram detalhes sobre o conflito, sobretudo as tragédias que assistiram. A morte, como é possível perceber, aconteceu nas marchas, nas batalhas e nos acampamentos de guerra. E muitos soldados anônimos, de diferentes nacionalidades, que lutaram contra os paraguaios, morreram sem ter direito à memória.

¹ Sobre o tema ver: ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: F. Alvez, 1981, 1982. 2v; ARIÈS, Phillippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

MEMÓRIAS DA MORTE NA GUERRA DO PARAGUAI: A DOR E O SOFRIMENTO NOS CAMPOS DE BATALHA

Na noite de lua cheia, na barraca iluminada com velas pelo acampamento das forças aliadas, velava-se o corpo do primeiro soldado morto na guerra do Paraguai. Em torno da capela improvisada, homens cujas faces o pintor não nos revelou, assistiam à cerimônia com atenção durante toda a noite. O quadro "*Velatorio del primer soldado muerto, perteneciente al batallón de guardias nacionales San Nicolás*" do argentino Cándido López, foi pintado décadas depois de ter participado de muitas Batalhas. Esse tema pode ser considerado uma iconografia incomum no cenário da guerra. Entretanto, observando atentamente as telas de Candido Lopez² que retratam cenas das batalhas de Curupaiti e Tuiuti estão, ali, representados milhares de cadáveres insepultos, de soldados anônimos que jaziam ao relento, banhados de sangue, nos campos de batalha.

Independentemente da perspectiva historiográfica sobre a Guerra do Paraguai, o historiador precisará contar com as memórias registadas por aqueles que viveram a Campanha. Dessa maneira, os estudos aumentaram, para além dos documentos oficiais existentes, com o interesse de alguns pesquisadores em contar uma história social da guerra. Esse trabalho encontrou, nos vestígios de documentos até então pouco observados, a imagem da morte no cenário da guerra.

As memórias de militares, engenheiros e cirurgiões foram usadas para destacar as histórias sobre a morte na guerra, que criou heróis e dizimou homens comuns. Os militares que lutaram contra o Paraguai e tiveram o triste destino do sepultamento num local hostil, acabaram esquecidos pela história oficial.

Sem o direito de ser reconhecido, cadáveres insepultos eram lançados ao rio, cremados ou enterrados em valas comuns, abertas em trincheiras de combate. O sepultamento nas frentes de batalha era privilégio para poucos, reservado para aqueles que tinham uma mão amiga para cravar uma cruz tosca na cova em cemitérios improvisados. Nas imagens de acampamentos pintadas por Cándido López, é possível ver pequenas cruces que marcam as sepulturas de soldados dos exércitos aliados.

² Cándido López (1840-1902), pintor argentino, participou da Guerra da Tríplice Aliança e pintou quadros de batalhas entre os anos de 1891-1902. O quadro intitulado "Velatorio del primer soldado muerto", encontra-se na coleção do Museu e Biblioteca de la Casa Del Acuerdo de San Nicolas, em Buenos Aires.

Brasileiro, argentino, uruguaio e de outros países lutaram nas frentes de batalha contra os paraguaios, sem o direito ao solo sagrado de sua terra para o sepultamento e sem a proteção da memória. A morte, que esteve presente nas marchas, nas batalhas e nos acampamentos, tornou a guerra a maior e mais sangrenta campanha já ocorrida na América do Sul.

Solano Lopez, com suas ações destrutivas, percorreu duas frentes do território fronteiriço: uma pelo Rio Paraguai, e outra terrestre, por Ponta-Porã, alcançando São Borja e Uruguaiana, para cercar e assegurar o controle da região.

As batalhas travadas pelo Brasil contra o Paraguai exigiam a formação de um exército que contivesse as tropas de Lopez em suas pretensões. O Império do Brasil organizou tropas expedicionárias com soldados de diversas províncias, que partiram do Rio de Janeiro, desde 1865, até o fim da guerra em 1870, para combater o inimigo, na fronteira com o Rio Grande e com a província do Mato Grosso.

Até a província do Mato Grosso, seguiram em marcha por 352 quilômetros, militares, civis, boiadeiros e mulheres, em uma expedição de mais de 5.000 pessoas, das quais 3.000 em armas (TAUNAY, 1923). Esse episódio foi marcado por privações e sofrimentos, que custaram a vida de muitos soldados. Foi narrado por médicos, engenheiros, militares e religiosos que, em seus diários de campanha, relataram as fatalidades que assistiram. Desse total de expedicionários só restaram 2.000, ficando o restante sepultado nos pantanais e brejos da região.

O engenheiro Afonso Taunay registou no seu diário, que se tornou uma narrativa de guerra, todas as ocorrências que pôde registrar durante a marcha até as fronteiras do Paraguai. Dizia Taunay: *A penúria de viveres era tal e a tão desesperado estado chegara, que a alimentação em geral era quase exclusiva de frutos do mato, sobretudo jatobás, cuja abundancia tomava visos de providencial* (TAUNAY, 1923, P. 104).

Dessa forma, a fome contribuiu para as debilitações físicas dos militares, que se debilitavam facilmente com as doenças. Iniciou-se com uma doença desconhecida, que atacava de diversas maneiras, sempre gravemente, senão mortalmente, ora lentamente, ora de imediato, causando paralisias generalizadas. Ainda segundo a obra acima citada, as vezes, o doente acusava formigamento nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo-se de dia agravarem-se esses sinais, aos quais, se juntavam, sem demora, as febres, a agonia e a morte; em breves horas falecia quem, pouco antes, se mostrava forte e lúcido.

Esta doença misteriosa era o Beribéri, de que ainda não se falava no Brasil, e que se tornou conhecida entre as tropas. Taunay nos dá notícias da morte do comandante Chichorro da Gama³, companheiro da comissão de engenheiros, anotando as últimas palavras do soldado: *Vocês não imaginam o que estou sofrendo. É a dor da agonia, nem há outra que lhe seja comparável. A morte esta subindo! Vejam como os pés e pernas estão frios, imóveis* (TAUNAY, 1923, p. 116). Terminava assim os seus dias o pobre Chicharro, longe da família, dos amigos, somente seus companheiros de marcha para acalantar o sofrimento.

Concluía Taunay (1923, p. 116) narrando a última expressão do moribundo: *e ficou todo ele esticado, rijo, imóvel, sobre o catre da morte, misero jirau de paus cobertos com macega, como uma estatua de mármore, daqueles que dormem nos túmulos da Idade Media*. Um cercado foi construído com o intuito de proteger o túmulo do engenheiro Chichorro da Gama e ao centro uma cruz de madeira foi fincada.

Mas, se ali, a memória do engenheiro esteve guardada nas lembranças de todos os que se reuniram em prol da pátria, talvez um dia fosse rememorado. No entanto, o destino era incerto para a maioria dos homens comuns que participaram da mobilização.

Os números de mortos aumentaram com o surgimento de novas epidemias. Em tempo de chuva, as praças marchavam em áreas alagadiças por todo o dia e, às vezes, noite adentro, surgiam febres, diarreias, tifo, varíola, sarampo, enfim, uma série de doenças que assolavam os acampamentos.

Durante a Retirada da Laguna, a expedição ao Mato Grosso teve que recuar, com o inimigo perseguindo-os por vários dias. Nos combates, ou na fuga, os soldados brasileiros conheceram o sofrimento e, às vezes, tiveram a morte comandando as tropas. Em Miranda, dos 2.000 homens que morreram, 400 foram vitimados pelo impaludismo e por outras doenças.

Obviamente, os médicos reclamavam das más condições, somente solicitando a remoção para locais mais saudáveis.

Durante a longa e difícil jornada, muitas vezes, os médicos militares foram importantes protagonistas da batalha. Os soldados do exército e da marinha tinham nos médicos a mão que os ajudava a aliviar os seus sofrimentos, quando estes tinham apenas

³ Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, nasceu na Bahia em 08 de março de 1830. Assentou praça a 25 de fevereiro de 1856. Reconhecido como Cadete matriculou-se na Escola Militar. Foi Alferes sendo depois promovido a 2º Tenente de engenheiros em 14 de março de 1858. Tornou-se bacharel em matemática e ciências físicas. Teve ordem de se reunir à Comissão de Engenheiros para seguir ao Mato Grosso a 1º de abril de 1865. Morreu em 26 de julho de 1866.

a relva do campo como leito, uma pobre e encardida barraca de campanha ou o convés de um navio como abrigo para tratar de seus ferimentos ou encontrar a morte assistida.

Após meses de marcha, a equipa médica que compunha a expedição ao Mato Grosso ficou reduzida apenas aos médicos Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, totalizando 12 profissionais. Para acalmar os sofrimentos da alma e dar os sacramentos aos enfermos, havia o padre Antônio Augusto do Carmo, mas, com os dois únicos médicos, não eram suficientes para amenizar o mal que estava por vir (VIANNA, 1920).

Os confrontos ocorridos nos dias 6, 8 e 11 de maio de 1866, contra os paraguaios, diminuíram o número de soldados e as esperanças de vitória foram substituídas pelo início da marcha forçada com todo o cortejo de seus horrores. Faltava: pão, farinha, sal, água, carne, enfim, morrer de fome.

Para completar a derradeira etapa de sofrimentos e da miséria humana: o aparecimento do cólera confirmava-se, assim, os boatos que circulavam na expedição, quando a epidemia fez a sua primeira vítima entre os soldados:

O corpo era de repente atacado de um mortal abatimento; dores fortíssimas pelo ventre se propagavam em cólicas cruciantes. Estonteados, com os olhos enublados e fundos, a voz tremula, o andar vacilante, trôpego, parecendo ébrios. Logo depois sobrevinham as náuseas, os vômitos, os calafrios, sede intensa, diarreias em horrendas contorções” (VIANNA, 1920, p. 93).

Era o Cólera que estendia a sua mortalha mórbida sobre as linhas dos batalhões de voluntários da pátria.

Em pouco tempo a expedição transformou-se em procissão, onde corpos que desfilavam em padiolas de couro conduzidas pelos homens sadios sem que, estes, fugissem da cruel moléstia: *Imensa procissão, tétrico cortejo a desfilar, sempre para a lúgubre catedral da Morte próxima* (VIANNA, 1920, p. 95). A princípio eram apenas um, dois ou três casos; depois eram dezenas, e crescia, dessa forma, o número de mortos e doentes com o passar dos dias.

Mas se ainda havia esperanças de sobrevivência, diante dessa situação tão dolorosa, a decisão do comandante Camisão, em relação às vítimas do Cólera, pareceu lançar todos ao inferno. Uma única voz levantou-se contra a atitude de abandonar os doentes. O médico Dr. Gesteira expressou a sua opinião contrária à resolução, pois, como médico, não poderia deixar aos enfermos a própria sorte, quebrando o seu juramento, mas aceitou a decisão como um soldado disciplinado.

No dia 27 de maio de 1866, o comandante Camisão ordenou que, à noite, uma grande clareira fosse aberta no bosque mais próximo, para cada batalhão poder mandar para lá seus doentes, que ainda estavam vivos naquele local. Eram centenas de homens, irmãos em armas. Um cartaz foi colocado no tronco de uma árvore, dizendo: compaixão para os coléricos.⁴

Na proporção em que se afastavam dos coléricos, os que continuavam a marcha, aliviados do peso dos doentes que conduziam, escutavam *gritos lancinantes, lamentos, gemidos, uivos, brados de agonia, de compaixão, clamores sem nome, sem conta, sem fim, se ouviram, arrepiando as carnes, sacudindo os nervos e sangrando os corações* (VIANNA, 1920, p. 97).

Dessa forma, está gravado na memória o último instante dos soldados e os primeiros episódios da morte, com os paraguaios que aliviaram o sofrimento com a execução à bala e o golpe de sabre.

Ao passo que a expedição brasileira no Mato Grosso sofria as dores da marcha e continuava enchendo os cemitérios, sem que soluções pudessem ser tomadas diante da epidemia que se espalhava, em outra frente, as metralhas ceifavam vidas em todos os lugares. Assim, não foram apenas as doenças que levaram os soldados à morte. As baixas no número de voluntários da pátria, guardas nacionais, marinheiros e soldados do exército, contribuíram significativamente para encher os cemitérios que eram erguidos nos campos de batalha. Aqueles que morreram na luta tiveram apenas os seus companheiros como testemunhas das suas últimas palavras diante da morte. No entanto, o silêncio tomou conta da vida desses homens comuns.

Na batalha da Vila de Restauração, no Campo de Jatahy, a 17 de agosto de 1865, foram feitos 1.200 prisioneiros paraguaios, e no rastro de destruição ficaram no campo mais de 2.000 soldados inimigos. Diz o cirurgião-mor da esquadra o Dr. Carlos Frederico: *Horrível era o quadro, que presenciamos no campo, centenas de cadáveres paraguaios, em completa putrefação, achavam-se disseminados em todos os pontos, no meio de pântanos e lagoas* (AZEVEDO, 1920, p. 150).

Em 24 de maio de 1866, às onze horas da manhã, nos campos de Tuiuti, soavam os canhões com o ataque mais terrível de toda a campanha. Decorridas cinco horas, homens

⁴ Sobre o abandono dos soldados infectados pelo cólera, existem controvérsias sobre o número de doentes abandonados e da atitude tomada pelo comandante Camisão. De fato, um dos soldados deixados na clareira sobreviveu e reuniu-se, no dia 29, aos demais soldados em marcha para o Mato Grosso. Este se chamava Calixto Medeiros de Andrade e, em 1920, ainda vivia com sua numerosa família na cidade de Estrela do Sul, no Triângulo Mineiro. Sobre o abandono dos coléricos concedeu uma entrevista para a revista do Brasil, n. 55, julho de 1920 – São Paulo.

de exércitos rivais experimentaram momentos de tristeza, heroísmo, dor e aflição. O exército paraguaio fugia às 4 horas da tarde, deixando o campo cheio de cadáveres. Os números incertos revelam a dimensão da tragédia, 6.000 mortos e 7.000 feridos paraguaios (SILVA, 2007).

Depois dos dois dias gastos nos enterros desses tristes despojos, empilharam-se três mil e novecentos e tantos cadáveres, aos quais houve a necessidade de por fogo. *Posto uns sobre os outros, interrompendo-se a cada camada lenha e palha, chegou-se a mecha em labareda, dando princípio a triste conflagração* (PIMENTEL, 1978, p. 123-125). Essa era a cena assistida por todos do exército da Tríplice Aliança e que ainda tentavam recompor-se dos dias marcados pela violência extrema experimentada no campo de batalha.

Em uma narrativa sombria, o general Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel, testemunha ocular, descreveu a incineração da pilha de cadáveres:

Arderam primeiro as camadas inferiores, principiando as linguetas e fogo a subir pelas encostas do monte fúnebre, a proporção que o fogo crescia lambendo-lhe a epiderme, arrebatando-lhes com estouros os crânios, punha-se em movimento como se estivessem ainda sinais evidentes de vida (PIMENTEL, 1978, p. 123-125).

À medida que aumentava a intensidade da fogueira, o pulsar dos mortos tornava o espetáculo ainda mais inacessível.

Numa clara demonstração de um espírito perturbado com a fogueira de corpos ardentes, que queimava durante toda a noite, o general Pimentel terminava:

Uns abriram desmesuradamente a boca com expressão terrível de ódio ou de raiva; outros ameaçavam o céu com um punho cerrado e braço teso, aquele dobrava-se formando um arco com a união dos pés à cabeça, outro invertia a figura quebrando-se sobre as costas qual serpente empinada, muitos se despenhavam de mergulho pelo flanco da tulha, deixando sulco luminoso de labaredas verdes providas dos metais de cobre dos cinturões que os cingiam e ainda outros a tremem entre os demais como se experimentassem espasmos sucessivos de ataques de histeria (PIMENTEL, 1978, p. 123-125).

Uma única frase do general Pimentel resume a cena macabra dos corpos ardendo em chamas: *“É a dança dos mortos! Está aí a visão do inferno naqueles seres pululando nas chamas e bailando no meio da noite do esquecimento!”*

As mortes no campo de batalha provocavam o desespero dos soldados aliados diante da cena desumana. Aos brasileiros que morreram nessa batalha, apenas restava o conforto de que seriam enterrados em cavernas, em alusão aos sepultamentos tradicionais que acontecem em cemitérios. Cruzes de madeira improvisadas lembravam o local exato onde os soldados caíram, sem nomes, idades ou qualquer distinção que os fizessem heróis da pátria.

Em Curupaiti, a batalha de 22 de setembro de 1866, deixou cerca de 3.400 soldados da Tríplice Aliança fora de combate, com muitos mortos, necessitando que a terra fosse tomada para novas sepulturas e construções de trincheiras.

A ação aliada deixou um número considerável de cadáveres insepultos em território paraguaio. Os corpos pereciam ao léu, não podendo ser incinerados ou sepultados devido à necessidade constante de marcha, ou às dificuldades de abrir valas para centenas de cadáveres em estado avançado de putrefação. O cheiro insuportável lembrava a morte. Era um aviso aos vivos: o anjo sinistro ia com sua foice para levar os mortos das batalhas e as vítimas das epidemias para um território desconhecido.

Após confrontos violentos, era atribuição dos médicos amenizar a dor daqueles que morriam em nome da pátria. Mas, também, tinham que ajudar, quase sempre, as vítimas das balas inimigas.

Os hospitais tornaram-se locais onde a morte estava presente de diversas maneiras. Infecções, causadas pela falta de assepsia e procedimentos de higiene básicos, elevaram, avassaladoramente, o número de óbitos entre os feridos que eram tratados nos hospitais de sangue improvisados nas barracas de lona nos acampamentos.

Era possível ver médicos nos campos de batalha prestando assistência aos enfermos ou nos hospitais que, durante toda a noite, dispensavam os cuidados necessários às vítimas. Os objetivos eram aliviar o sofrimento dos doentes e, ao mesmo tempo, dos feridos a bala, que precisavam de cirurgias traumáticas, muitas delas morrendo em pleno procedimento cirúrgico.

O soldado Geraldo Bispo teve fratura dos dois fêmures, acompanhada de dilaceração, e destruição da pele, e dos músculos no terço médio das coxas. No hospital diante do quadro em que se apresentava, observou o 2º cirurgião José Pereira Guimarães: *era um doente irremediavelmente perdido, porquanto seu estado era tal, que toda, e*

qualquer operação lhe abreviaria os momentos, a face era pálida, os olhos desvairados, e o corpo agitado de estremecimentos nervosos (AZEVEDO, 1870, p. 254). Preferiu passar a atender a outros feridos que gemiam e procuravam socorro. Geraldo morreu uma hora depois em estado de entorpecimento físico.

Cenas desoladoras eram as que se viam depois dos combates. A cada dia, os hospitais de sangue recebiam um número crescente de pacientes sem que a medicina pudesse fazer algo. O tenente Julio Carlos Teixeira Pinto teve uma ruptura do ventre e a saída do intestino, além de uma dilaceração dos tecidos e perda da mão esquerda. Não há nada que o soldado possa fazer, a não ser esperar pela morte.

Publicou o jornal *O Independente* de Porto Alegre sobre um terrível combate ocorrido no encouraçado Bahia e Tamandaré próximo ao forte Itapuia: *A casa morta é um lago de sangue cheio de destroços humanos. O primeiro tenente sente que a morte se lhe aproxima, aperta a mão do almirante e dos amigos, imprime um beijo no retrato que trazia, murmura a palavra adeus e cerra os olhos para sempre* (Jornal O Independente, 1909). O tenente Barros chegou ao hospital, ferido nas duas pernas, e quando viu que iriam cloroformizá-lo, sorriu afirmando que se tratava de um remédio para mulheres e acrescentou: *“Dêem-me um charuto aceso e cortem!”* (Jornal O Independente, 1909) Sofreu a operação sem dar um gemido e fumando. A meia-noite sentiu a morte, chamou o médico a quem pediu para transmitir alguns recados: e disse: *mande dizer ao meu pai que sempre soube honrar seu nome.*” Barros era filho do visconde de Inhauma, ele lutou no ataque de Curupaiti, onde o exército aliado perdeu 4.348 homens.

Em seguida, o poeta sergipano Carmeno, gravemente ferido no braço, sofreu um ataque mortífero. Durante a operação, recitou poesias heroicas, mas a palidez aumentou. O jornal terminava com uma notícia triste sobre o estado do poeta, que fixara os olhos sobre o monte de pernas e braços que estavam por ali e olhou para o céu com a expressão de uma estátua tumular (Jornal O Independente, 1909).

A campanha do Paraguai foi importante para a América do Sul e, especialmente, para o Brasil. Apresentou cenas de sangue e luto em um grande espetáculo de fatalidade. Pouco longe das trincheiras, famílias inteiras choravam a morte de parentes queridos e, muitas vezes, divulgavam na imprensa a expressão de dor e sofrimento. Sobre o pai, médico feito prisioneiro no início da guerra pelos paraguaios, um filho, após esperar por notícias, escreveu sobre o seu progenitor (FILHO, 1947, p. 301):

*Repousa, pois, meu Pai, eternamente.
Junto às auras de Deus no templo augusto.
E, pois, que não me é dado ir diligente.
Saber onde existe
Teu último jazigo,
E piedoso e triste,
Verter em seu sepulcro um pranto amigo.
Receba lá dos céus da imensidade
Um filial tributo de saudade.*

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier. *História Médico - Cirúrgica da Esquadra Brasileira nas Campanhas do Uruguay e, Paraguay de 1864 a 1869*. Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1870.
- FILHO, Licurgo Santos. *História da Medicina no Brasil*, São Paulo, Ed. Brasiliense LTDA, v. 2, 1947.
- PIMENTEL, Joaquim, Silvério do Azevedo. *Episódios militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. Coleção General Benício. v. 162, publicação n. 483.
- SILVA, José Luiz Rodrigues da. *Recordações da Campanha do Paraguay*. Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 2007.
- TAUNAY, Visconde de Taunay. *Dias de Guerra e de Sertão*. 2ª edição. Monteiro Lobato e CIA editores. São Paulo, 1923.
- VIANNA, Lobo. *A Epopéia da Laguna*. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1920.